

A GRAMÁTICA DA ARGILA: COMO AS CRIANÇAS SE RELACIONAM COM A LINGUAGEM DO BARRO

CLAY GRAMMAR: HOW CHILDREN RELATE TO CLAY LANGUAGE

Juliani Padilha

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS, Brasil

Simone Dal Molin Ribeiro

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v4i2.195>

Recebido em: 10.04.2023

Aceito em: 05.05.2023

Resumo: Este trabalho é uma reflexão sobre o lugar que a modelagem ocupa na escola, a partir da prática pedagógica desenvolvida com crianças pequenas da Pré-escola II. Um convite para pensar sobre a gramática da argila e como as crianças se relacionam com a linguagem do barro. Relata vivências onde as crianças são as protagonistas, destacando suas ideias, teorias e fazeres. Quando investigam o barro, a terra e a argila expressam seus sentimentos, suas ligações internas com si mesmo e com o mundo. A plasticidade da argila flui nas mãos dos meninos e das meninas, a argila passa por um processo para se tornar barro, assim como, a criança passa por um processo para entender sua gramática. Barro pode ser argila, como argila pode ser barro, depende da liberdade que temos para manusear o material e viver sua materialidade.

Palavras-chave: argila, barro, criança, escola, cultura, modelagem.

Abstract: This work is a reflection on the place that modeling occupies in school, based on the pedagogical practice developed with small children from Pre-school II. An invitation to think about the grammar of clay and how children relate to the language of clay. It reports experiences where children are the protagonists, highlighting their ideas, theories and actions. When they investigate clay, earth and clay express their feelings, their inner connections with themselves and with the world. The plasticity of the clay flows in the hands of the boys and girls, the clay goes through a process to become clay, just as the child goes through a process to understand its grammar. Clay can be clay, as clay can be clay, it depends on the freedom we have to handle the material and experience its materiality.

Keywords: clay, clay, child, school, culture, modeling.



1 Introdução



Talvez o brinquedo mais bonito seja a argila, porque não é nada e pode se transformar em tudo. A passagem do nada para o tudo é a brincadeira. Brincar é também inventar e construir, e não somente usar os brinquedos. Os brinquedos são construídos com argila, com trapos, com pedaços de madeira. (TONUCCI, 2018, p. 82).

As crianças pensam, falam, expressam o mundo à sua volta com diferentes linguagens, usam o corpo, o grafismo, o jogo, a música, a modelagem, entre outras tantas linguagens para falar do seu universo.

A relação da argila com o barro é seu grande poder expressivo, possibilita a expressão individual, o barro tem uma ligação com a cultura da infância, pois está presente nas brincadeiras, no pátio em cavar buracos, embaixo das pedras, escondido no fundo da areia.

Para as crianças suas modelagens são brinquedos, um brincar que se transforma. A possibilidade de se apropriar do mundo exterior a partir da relação da argila com os elementos: a solidez e firmeza da terra, a fluidez da água, o ar, o calor, a luz e o fogo.

2 Metodologia

As vivências com a argila nos falam sobre a materialidade, sua plasticidade flui pela sua ligação com o barro. A argila tem o poder de transformação, experimentação e exploração. Para a criança sua modelagem, seu fazer e criação com argila são brinquedos que falam da sua intimidade, são uma expressão de si, voltadas para o eu e não para o outro, brincar com a argila, é brincar com o barro e a terra.

A argila é generosa na possibilidade da expressão individual, sua linguagem nos fala de sutileza e gentileza, pois sua materialidade em contato com os elementos e movimentos se transforma aos poucos, com o calor das mãos, com a quantidade de água, com o ar, com o fogo. Criar é ao mesmo tempo ato expressivo, como estruturante.

Vivências com a argila:

No pátio é organizado um espaço para a sessão com a argila. Em pequenos grupos, as crianças foram convidadas a brincar e vivenciar sua materialidade, e assim, desenvolver uma investigação plástica. Foi disponibilizado um bloco grande de argila e potes com água, no final das investigações são convidadas a registrar seu trabalho através da fotografia. Posteriormente, em outro momento, o mesmo grupo de crianças conversam sobre suas produções, e relembram a sessão, observando as fotos dos trabalhos produzidos e após, registram com desenho suas produções.

Criança: Amanda

Começa amassando a argila com a mão, em seguida usa o suporte de madeira para apoiar sua massa e utiliza o rolo, com movimentos leves. Vai aos poucos adicionando a água na sua massa de argila, que ganha uma consistência mole, de barro. Fala para os colegas: *Eu vou fazer isso bem lisinho...Olha só...Pega a água com a mão... E coloca...*

Fica um longo tempo alisando, mexendo e vivendo a plasticidade da argila com a água. Seu bloco de massa, com a ação das mãos e do clima, perde umidade, começa a secar e se transformar. Amanda percebe, tira a massa do suporte. Começa um novo movimento, uma nova forma surge, modela com as mãos uma bolinha.



E da pequena bolinha vai nascendo um vulcão. *Vou encher de água!* Conta para os colegas. *Ele espirra água*, sorrindo, colocando o dedo no buraco fazendo a água saltar. Depois de um tempo vivenciando conta: *Coloquei um pouco de água.*

Aos poucos o suporte onde trabalha vai ficando pintado. Amanda espalha com a mão seu barro de argila, que agora é tinta. O suporte ganha a sua atenção. Fica coberto pela mistura. Assume papel importante na sua produção, agora faz parte da criação.

Vai modelando mais um pouco, com atenção e cuidado. Concentrada no seu fazer, silenciosa com seus pensamentos, dois buracos surgem. Finaliza sua obra, decorando com as folhinhas da árvore que caem próximas, que parecem querer participar da sessão. Quando Amanda acaba é convidada a registrar seu trabalho através da fotografia. Em seguida desmancha sua produção, que se torna efêmera.

Criança: Luiz

Profe sabe o que eu estou fazendo?

O que? Me conta!

A casa do ratinho! Só que ela está sem janela. Ele vive no escuro. É um esconderijo.

Assim começa a investigação de Luiz com a argila, determinado vai modelando, amassando a argila em pedaços. Cria pequenos blocos, encaixa um perto do outro, cria um quadrado fechado e olha de pertinho, parece espiar e fala:

Ele entra por aqui. Apontando para a pequena fenda, uma porta, com gestos cuidadosos.

Escolhe os pedaços da argila e usa a força do corpo para amassar. Com a palma da mão aberta, com os dedos vai experimentando, vivenciando as possibilidades dos movimentos e da força para amassar.

Começa a construir um novo personagem, um gato. Conversa com os colegas, vai contando o que está fazendo: *O gato tenta pegar o rato.*

Chama atenção de Artur, o colega próximo e vai falando: *Um bigode, dois bigodes, três bigodes, quatro bigodes.* Olha para o esconderijo com atenção.

Hoje vou ficar muito tempo aqui. Fala para os colegas, vive a argila, sua plasticidade, as mãos sentem sem pressa, amassa com o rolo, com as mãos, mas entre uma argila e outra, um novo elemento ganha força na sua investigação, a água, que começa a modificar a estrutura do seu esconderijo.

Profe, olha o que eu tô fazendo agora, é uma prisão profe e aqui vai ter uma chaminé para colocar água, porque ele vai se grudar, porque sem querer um barril caiu com muita água.

Faz uma pequena abertura na parte superior e despeja a água, percebe que ela escapa pelas fendas da sua estrutura, alisa com a mão a água que transforma a argila em barro, vai repetindo o processo, coloca a água, ela escorre, ele mistura ela na argila que se transforma em barro, até que a argila é mais barro, sua materialidade muda e vai se desfazendo, modificando-se.

Repete a estrutura, o foco é não deixar a água vazar, a brincadeira é interessante, a investigação vai acontecendo, coloca a água e espia como ela vaza, vai fechando todas as fendas com a argila, tenta represar a água, conter sua fluidez e vai narrando: *Como assim, ela saiu por baixo, haaa! Agora entendi é que tem um furo, que solta a água.*

Amassa com cuidado, na tentativa de tapar os furos, coloca mais água e observa: *Olha tá inundando* Acaba a investigação e fala, *Quando o sol aparecer vai sair toda a água!*

Provoco ele para me explicar sobre sua teoria, *Me explica, por que você acha que vai sair toda a água quando o sol aparecer?*

Luiz fala: *É que quando o sol aparece a água some, ela sobe e vai lá pra cima de volta, por isso que consegue chover.*



Luiz vive intensamente sua pesquisa, brinca, investiga, têm momentos de interações com os colegas e adultos, divide e compartilha ideias e aprendizagens significativas.

No final da sessão, Luiz é convidado a fotografar seu trabalho e posteriormente usar a fotografia como repertório visual para o desenho. Instigo ele e os colegas a conversar sobre suas produções com a argila, assim como olhar para as fotografias e lembrar os processos vivenciados. Luiz narra sobre sua produção gráfica: *Olha profe, tem uma passagem para o rato, ele corria, corria e passava, daí tem um portal, quando o grandão tentar quebrar não vai conseguir, ele vai ter que fazer a volta, ele também pode passar assim, do lado de um rio, ele pode tentar outro caminho.*

3 Resultados e discussões

Amanda e Luiz nos mostram como o pensamento infantil é inventivo e repleto de possibilidades. Suas modelagens, as plasticidades da argila ao longo do processo, as fotografias como registro das produções e dos processos, os desenhos, as conversas, as ideias e teorias durante a sessão, revelam que diferentes linguagens estão interligadas e falam sobre investigações. A imaginação é extraordinária e as crianças exploram de forma multissensorial a argila, onde as mãos são instrumentos inventivos.

4 Conclusões

Ao final da pesquisa, constatamos que a gramática da argila é potencializadora de aprendizagens significativas. A ligação com o barro é o poder da argila, sua força, experienciando essa união, essa mistura dos elementos a criança vai brincando.

A argila abre possibilidades da atuação da criança seja na criação, construção, complementação ou transformação. Permite a criança fantasiar, sonhar, criar e fazer. As investigações nunca cessam, pois as crianças são curiosas, sensíveis e generosas, sempre surgirão novas perguntas.

GUERRA nos fala que educar para a experimentação, como educar na exploração, é educar na confiança. É acreditar que todos são portadores de questões significativas; que aquilo que está nas pessoas e na educação já não é apenas possibilidade, mas também sabedoria; que a tarefa de quem educa, ensina ou forma é, portanto, e sobretudo, a de confiar, na criança e no homem que está lá, devemos então EDUCAR para a experimentação.

Agradecimento

Às infâncias



Marcas com argila.

Jordana inicia sua modelagem.

Retira pedaços da argila e faz pequenas formas circulares.

Envolve-se em tirar e enrolar.

Prefere estar em pé.

Os amigos conversam e ela sorri.

Continua a modelagem das formas.

Aos poucos inicia a montagem, pois as peças modeladas fazem parte de um quebra-cabeça.

Com cuidado e delicadeza monta uma menina.

Observa. Coloca detalhes.

Encantada, fala aos amigos: *“Olha, fiz uma menina. Uma menina com os cabelos ao vento. O vento também aparece, são essas marcas da argila na mesa.”*

Jordana Camargo Diczysz - 5 a 6 m
Pré II - manhã - 2020
Educatora: Simone
E.M.F. Dona Leopoldina



Referências

DIEFENTHÄLER, Daniela da Rosa Linck. **Arte, imaginação e crianças**. Curitiba: Appris, 2017.

GUERRA, Monica. **As mais pequenas coisas. A exploração como experiência educativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. 1.ed. São Paulo: Peirópolis, 2016.

TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança**. Tradução Maria de Lourdes Tambaschia Menom; revisão técnica de Ana Lúcia Goulart de Faria. - Campinas, SP: Ciranda de Letras, 2018.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da, CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Linguagens da arte: percursos da docência com crianças** - Porto Alegre : Zouk, 2022.